

# Valores maternos e preconceito racial em crianças

*Maternal values and racial prejudice in children*

*Valores maternos y prejuicio racial en niños*

*Khalil da Costa Silva\**  
*Dalila Xavier de França\*\**

## Resumo

*Esta pesquisa buscou analisar os valores que as mães desejam para seus filhos e a relação entre estes valores e o preconceito racial. Participaram da pesquisa 145 crianças, de ambos os sexos, com idades entre seis e dez anos, sendo 51 brancas, 54 mulatas e 40 negras, e suas respectivas mães. O preconceito das crianças foi avaliado numa escala de distância social, enquanto as mães responderam a um questionário sobre valores humanos. Uma Análise de Regressão Múltipla entre os valores das mães e o preconceito das crianças indicou que os valores de realização predizem o preconceito contra o negro, ao passo que valores de conformidade o inibem. Concluiu-se que os valores atuam como motivações subjacentes ao preconceito.*

**Palavras-chave:** valores; preconceito; relações mãe-criança.

## Abstract

*This research aims to analyze the values that mothers expect to convey to their children and the relationship between these values and racial prejudice. 145 children of both genders from six to ten years and their mothers participated in this research. 51 were white, 54 were mulatto and 40 were black children. Children's prejudice was assessed by a scale of social distance, while their mothers answered a questionnaire about human values. A Multiple Regression Analysis of mothers' values and children's prejudice indicated that the values*

---

\* Doutorando em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: klil\_costa@hotmail.com

\*\* Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: dalilafranca@uol.com.br

*of realization predict possible prejudice against the black race, while values of conformity inhibit it. It was concluded that these values act as underlying motivations for prejudice.*

**Keywords:** values; prejudice; mother-child relationships.

## Resumen

*Este estudio pretendió analizar los valores que las madres desean para sus hijos y la relación de estos valores con el prejuicio racial. Participaron de este estudio 145 niños de ambos sexos, con edades entre seis y diez años, siendo que 51 eran blancos, 54 mulatos y 40 negros, y sus respectivas madres. El prejuicio de los niños fue evaluado a través de una escala de distancia social, mientras que las madres respondían a un cuestionario sobre valores humanos. Un análisis de Regresión Múltiple entre los valores de las madres y el prejuicio de los niños indicó que los valores de realización predicen el prejuicio contra el negro, mientras que valores de conformidad lo inhiben. Se concluyó que los valores actúan como motivaciones subyacentes al prejuicio.*

**Palabras-clave:** Valores; Prejuicio; Relación madre-niño.

## INTRODUÇÃO

A transmissão de valores que melhor preparem as crianças para a vida social se configura como meta de pais e educadores. Especialmente os pais, considerados os primeiros responsáveis por essa transmissão (França, 2013; Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2007), esforçam-se em difundir valores que promovam a adaptação e sucesso social dos filhos (Tam, Lee, Kim, Li & Chao, 2012).

Numa sociedade diversa como a brasileira, em que grupos sociais são discriminados, a exemplo dos negros e mulatos, que sofrem restrições sociais, políticas e carecem de oportunidades econômicas e educacionais (Fernandes, 1972/2007; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, 2011), poderíamos nos perguntar: Quais seriam os valores que os pais desejam que seus filhos desenvolvam? Tais valores explicariam comportamentos preconceituosos dos filhos contra negros?

O preconceito racial é uma atitude formada em meio às relações intergrupais que comporta a rejeição ou exclusão de um grupo racial (Brown, 2010). De acordo com Allport (1954/1974) o preconceito é uma

atitude hostil ou aversiva acerca de uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente em função desta pertença, presumindo-se que possui as qualidades negativas que são atribuídas àquele grupo.

É reconhecido que a situação de desvantagem vivenciada pelos negros não passa despercebida pelas crianças, que são propensas a analisar diferenças intergrupais e a desenvolver atitudes preconceituosas para com as minorias raciais (França & Monteiro, 2013; Killen & Rutland, 2011; Rodrigues, Monteiro & Rutland, 2012). Estas percepções e atitudes negativas frente a determinados grupos podem ser influenciadas pela família (Grusec, 2011). Há estudos que indicam que a adesão a alguns valores com a motivação subjacente ao preconceito contra grupos sociais minoritários, a exemplo dos negros (Biernart, Vescio, Theno, & Crandall, 1996), dos imigrantes na Europa (Álvaro *et al.*, 2015; Ramos & Vala, 2011; Saroglou, Lamkaddem, Van Pachterbeke, & Buxant, 2009), dos aborígenes na Austrália (Feather & Mckee, 2008) e dos homossexuais (Gouveia, Athayde, Soares, Araújo & Andrade, 2011). Embora essas pesquisas evidenciem relações significativas entre valores e preconceito, ainda não existem dados que permitam afirmar se os valores que as mães desejam para seus filhos possuem relação com o preconceito racial das crianças, justificando, assim, a necessidade da realização do presente estudo.

As teorias que avaliam as atitudes raciais na infância consideram que o desenvolvimento do preconceito está associado a mudanças cognitivas, sociais e afetivas que ocorrem nos dez primeiros anos de vida, destacando-se o modelo teórico elaborado por Aboud (1988). A autora analisou a formação das atitudes raciais nas crianças considerando os estágios do desenvolvimento cognitivo e observou que, por volta dos 4 anos de idade, já é possível verificar que crianças pertencentes a grupos dominantes expressam atitudes negativas diante de minorias raciais.

O desenvolvimento do preconceito nas crianças remete, portanto, às experiências de socialização que ocorrem desde o início da vida, nas quais se adquire a consciência de que a realidade social é dividida em categorias como o gênero, a raça e a idade (Shutts, Banaji & Spelke, 2010). As crianças não só assimilam categorias como também são motivadas a identificar as características que prevalecem nos grupos a que elas pertencem e como estas

características tornam seu grupo distinto dos demais (Nesdale & Dalton, 2011). A categorização social, por acarretar na percepção de que todos os indivíduos de uma mesma categoria partilham características em comum, pode levar ao desenvolvimento do favoritismo endogrupal e do preconceito nas crianças (Killen & Rutland, 2011).

A família contribui para o desenvolvimento do preconceito nas crianças, visto que há correspondência entre as atitudes raciais de pais e filhos, à medida que as crianças se identificam com seus pais e gostam de passar tempo com eles (Sinclair, Dunn & Lowery, 2005). Segundo Castelli, Zogmaister e Tomelleri (2009), há maior correspondência entre as atitudes raciais de crianças e suas mães do que entre a de seus pais, pois, durante os primeiros anos da infância, são geralmente as mães que atuam como cuidadoras primárias e funcionam como fonte de informação constante para seus filhos, de modo que estes identificam e assimilam suas atitudes frente a minorias raciais.

Dentre os diversos fatores presentes no desenvolvimento do preconceito, este estudo destaca os valores das mães. Os valores funcionam como parâmetros, pelos quais avaliamos as ações dos outros e as nossas próprias, servindo de base para nossas preferências e prioridades (Biernat, Vescio, Theno & Crandall, 1996). O estudo dos valores humanos permite compreender quais parâmetros avaliativos estariam subjacentes a esta atitude de rejeição inerente ao preconceito.

A compreensão do conteúdo e estrutura dos valores humanos é fornecida por Schwartz (2012), o qual propõe um modelo teórico que apresenta sustentação empírica em âmbito transcultural. O autor define que um valor: 1) é uma crença; 2) que diz respeito a fins desejáveis ou formas de comportamento; 3) que transcende as situações e ações específicas; 4) que guia a seleção ou avaliação de comportamentos, pessoas e acontecimentos e 5) que se organiza por sua importância relativa a outros valores para formar um sistema de prioridades. Schwartz elaborou uma tipologia composta por dez valores humanos que se diferenciam entre si quanto à motivação subjacente: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança.

O autor destaca que esses dez domínios motivacionais podem ser agrupados em uma estrutura coerente, de modo que cada valor apresenta relações de conflito ou compatibilidade com outros valores. As oposições entre os tipos de valor podem ser concebidas em duas dimensões bipolares. Em uma dimensão, estariam os valores de *abertura à mudança* (autodireção e estimulação), os quais teriam uma relação de conflito com os valores de *conservação* (segurança, tradição e conformidade). Os princípios que estão em conflito nesta dimensão enfatizam, por um lado, a independência e o favorecimento da mudança e, por outro lado, a submissão, a manutenção das práticas tradicionais e a estabilidade pessoal. Há também o contraste entre os valores de *autotranscendência* (universalismo e benevolência) com os de *autopromoção* (poder e realização). Os conflitos nessa dimensão ocorrem entre a superação dos próprios interesses em função do bem-estar dos outros em oposição à busca de sucesso e de poder. O domínio motivacional hedonismo, por sua vez, possui elementos tanto da dimensão abertura à mudança quanto da dimensão autopromoção.

Pesquisas realizadas com o objetivo de encontrar relações entre valores e preconceito têm indicado que as atitudes preconceituosas correlacionam-se positivamente com valores de realização (ex: autodireção, êxito, poder, privacidade) e com os de conformidade (ex: tradição, segurança) (Álvaro et al., 2015; Feather & Mckee, 2008; Saroglou et al., 2009). Os primeiros, por possuírem orientação individualista, mobilizam as pessoas a serem autodirigidas, a defender sua privacidade e seus méritos pessoais, contrastando com ideias pró-sociais, tais como a igualdade e a garantia do bem-estar a todas as pessoas. Por outro lado, os valores de conformidade, por estarem vinculados à manutenção das tradições, do status e da ordem social vigente, também se encontram associados à rejeição de grupos minoritários. Existem ainda evidências de que valores de orientação suprapessoal, tais como o igualitarismo, a benevolência e a justiça social, estão negativamente correlacionados com a expressão de atitudes preconceituosas (Álvaro et al., 2015; Saroglou et al., 2009).

Embora as pesquisas apontem os valores como motivações subjacentes à expressão do preconceito nos adultos, ainda não há evidências consistentes acerca da relação entre valores e as atitudes intergrupais das

crianças, não obstante exista o reconhecimento de que a criança torne-se consciente das atitudes e valores de seus pais, podendo assimilá-los como para si (Kuczynski & De Mol, 2015). Na transmissão de valores para as crianças, o contexto cultural atua como importante mediador. Os pais procuram transmitir valores que compreendem como necessários para preparar seus filhos para a vida social, de modo que não só enfatizam os valores que, pessoalmente, consideram importantes, mas também aqueles que atendem às expectativas de uma dada sociedade (Benish-Weisman, Levy, & Knafo, 2013; Knafo, Assor, Schwartz, & David, 2009; Tam et al., 2012).

Uma vez que a família desempenha papel central na transmissão de valores e estes exercem influência sobre a manifestação de comportamentos e atitudes, esta pesquisa teve como objetivo analisar os valores que as mães desejam para seus filhos e a relação entre esses e o preconceito racial das crianças. Para tanto, consideramos a disposição em manter contato social com o grupo dos brancos em detrimento dos negros e mulatos como um dos indicadores do preconceito racial (Bogardus, 1933; Killen, Kelly, Richardson, Crystal & Ruck, 2010; Nesdale & Dalton, 2011). Desse modo, foram conduzidas análises quantitativas visando identificar o perfil dos valores maternos e sua relação com preconceito racial das crianças.

## MÉTODOS

### Participantes

Participaram deste estudo 145 mães e seus filhos. As mães possuíam idade média de 35 anos (Desvio Padrão/DP = 8,8). No que diz respeito à escolaridade, 38,6% delas possuíam ensino fundamental incompleto, 9,7% possuíam ensino fundamental completo, 32,4% haviam completado o ensino médio, 11,7% tinham ensino médio incompleto e 7,6% apresentavam ensino superior (completo ou incompleto). Com relação à cor de pele, 20 declararam-se como negras, 25 como brancas e 100 declararam-se como pardas. A renda familiar desta amostra variava de menos de um salário mínimo, que na época equivalia a R\$ 350,00, até 13 salários mínimos, sendo que a

maior parte apresentava renda que variava de R\$ 196,00 a R\$ 588,00. As crianças encontravam-se na faixa etária de 6 a 10 anos ( $M = 7,97$ ;  $DP = 1,42$ ), sendo 70 do sexo masculino e 75 do sexo feminino. Quanto à cor da pele 51 foram categorizadas como brancas, 54 como mulatas e 40 como negras.

## Instrumentos

As mães responderam a um questionário que possuía 21 itens elaborados com base na tipologia de valores de Schwartz (2012). Por meio de uma escala que variava de 1 (nada importante) a 5 (totalmente importante), as mães deveriam indicar qual a importância de seu (sua) filho (a) vir a ter cada uma das seguintes características: bem-sucedido(a) no trabalho; bom(boa) esposo(a), pai/mãe; religioso(a); igualitário(a); independente; inteligente; justo(a); moderado(a); obediente; polido(a); prestativo(a); respeitador(a) das tradições; respeitador(a) de pais e idosos; responsável; rico(a); trabalhador(a); com poder social; competente (capaz, eficiente); criativo(a); honesto(a) e respeitador(a) das diferenças entre as pessoas.

O preconceito racial foi avaliado através de quatro questões que versavam em narrativas de diferentes situações de distância social. Pedia-se para o participante escolher uma criança para ser: “irmão”, “amigo”, “fazer uma atividade para nota” e “dar um doce”.

Fotografias previamente testadas por França e Monteiro (2011) foram utilizadas para representar os grupos de interesse nesta investigação: branco, mulato e negro. Para entrevistados do sexo masculino, apresentavam-se fotografias de meninos, e para entrevistadas do sexo feminino, fotografias de meninas.

O delineamento utilizado foi do tipo correlacional e preditivo. As variáveis preditivas foram os valores das mães e a variável critério foi o preconceito para os grupos branco, mulato e negro.

## Procedimentos

A pesquisa foi conduzida durante o ano de 2006 nas cidades de Aracaju e Itabaiana, ambas no estado de Sergipe, Nordeste do Brasil. As

mães e as crianças foram entrevistadas em sua própria residência, por seis entrevistadoras treinadas que, aos pares, dirigiam-se a cada residência, enquanto aplicava o questionário com a mãe, a outra entrevistava a criança. As mães assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido concordado com a sua própria participação e a do seu filho na pesquisa. A despeito do consentimento fornecido pelo responsável pela criança, foi perguntado a criança se gostaria de participar da pesquisa.

Foi realizada uma amostragem por conveniência. Inicialmente, escolheu-se cotas de bairros que atendessem aos estratos sociais baixo, médio e alto da população e, dentro desses bairros. Nos quarteirões, a cada duas ou três casas, o pesquisador verificava se havia potenciais participantes, ou seja, crianças com a faixa etária estabelecida e mães presentes no local que estivessem dispostos a colaborar com o estudo. A criança deveria estar matriculada e estudando em uma escola. Este critério serviu como garantia de que a criança compreenderia o instrumento. Mãe e criança eram entrevistadas em ambientes separados, porém, na mesma residência.

Antes de iniciar a entrevista, a entrevistadora julgava a cor da pele da criança com base nas suas próprias impressões. Apesar de os entrevistadores possuírem uma tabela com uma estimativa da quantidade de crianças participantes por cor e idade, essa determinação não era rígida. Para cumprir minimamente a amostra desejada, foram entrevistadas as crianças e as mães que foram encontradas e concordaram em participar do estudo. Com relação à confiabilidade da definição da cor da pele da criança feita pelos entrevistadores, podemos citar o estudo de França e Monteiro (2011). Esse estudo foi realizado com crianças de cinco a dez anos de idade, e mostra que já aos cinco anos as crianças reconhecem, classificam e categorizam fotografias de crianças dos grupos branco, mulato e negro em conformidade com juízes adultos em oitenta por cento dos casos.

## RESULTADOS

A fim de analisar os valores que as mães desejam para seus filhos realizamos uma Análise dos Componentes Principais (*rotação oblímin*), na qual consideramos os índices de saturação a partir de .30. Observou-se

que os fatores são correlacionados, ou seja, o fator 1 se correlaciona positivamente com o fator 2 (índice de correlação/ $r = .02$ ;  $p = .027$ ) e este último apresenta correlação negativa com os fatores 3, 4 e 5 ( $r = -.04$ ;  $p = .031$ ,  $r = -.05$ ;  $p = .008$  e  $r = -.06$ ;  $p = .022$ , respectivamente). A solução fatorial agrupou os valores em cinco fatores ou domínios motivacionais que, juntos, explicam 61% da variância. Os fatores e seus índices de saturação podem ser observados na Tabela 1.

**Tabela 1 – Análise dos Componentes Principais (rotação oblimin) dos valores que as mães querem para seus filhos**

Valores	Domínios Motivacionais dos Valores				
	Realização	Poder	Universalismo	Conformidade	Segurança
Competente	<b>.873</b>	.123	.042	.192	-.040
Criativo	<b>.860</b>	.280	-.158	.007	-.088
Honesto	<b>.662</b>	-.303	.119	-.141	.066
Respeita diferenças	<b>.580</b>	-.216	.157	-.164	.062
Responsável	<b>.543</b>	.007	.090	-.233	-.132
Trabalhador	<b>.411</b>	-.195	.322	-.143	.006
Respeita tradições	<b>.431</b>	.136	-.089	-.306	-.144
Rico	-.064	<b>.781</b>	.129	-.153	-.121
Com poder social	.223	<b>.770</b>	.069	.046	.017
Igualitário	-.051	.061	<b>.808</b>	-.006	.049
Independente	-.043	.070	<b>.735</b>	-.041	-.024
Religioso	-.024	-.009	<b>.664</b>	.136	-.270
Justo	.221	.062	<b>.628</b>	-.131	.086
Obediente	.030	-.077	-.119	<b>-.864</b>	-.138
Moderado	-.070	.318	.087	<b>-.633</b>	.122
Prestativo	.090	-.056	.263	<b>-.580</b>	-.136
Respeita Pais/idosos	.138	-.294	.247	<b>-.445</b>	-.177
Polido	.341	-.021	.131	<b>-.417</b>	-.075
Inteligente	.211	.022	.335	<b>-.348</b>	.016
Bem sucedido	-.073	.122	-.077	-.101	<b>-.850</b>
Bom esposo/pai e mãe	.145	-.099	.207	.070	<b>-.709</b>
Autovalores	7.39	1.78	1.52	1.15	1.08
Variância Explicada	35.21	8.47	7.25	5.47	5.12
$\alpha$ de Cronbach	.85	.66	.74	.81	.59

O primeiro fator representa o domínio motivacional denominado de realização. Nele, agregaram-se os valores competente, criativo, honesto, respeitador das diferenças, responsável, trabalhador e respeitador das tradições. Apresenta um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de .85. O

segundo representa o domínio motivacional denominado de *poder* e reúne os valores *rico* e *com poder social*. Este possui o coeficiente de confiabilidade .66. O terceiro fator, rotulado como de universalismo, foi formado pelos valores independente, religioso e justo, obtendo-se índice de confiabilidade de .74. O quarto fator, denominado de conformidade, agregou os valores obediente, moderado, prestativo, respeitador de pais e idosos, polido e inteligente e apresentou índice de confiabilidade de .81. Por fim, o quinto fator foi identificado como pertencendo ao domínio motivacional de *segurança*. Este aglutinou os valores *bom esposo, pai/mãe* e *bem sucedido no trabalho*, apresentando índice de confiabilidade de .59.

Com a finalidade de analisar o perfil de valores que as mães desejam para seus filhos, foi efetuada a composição dos indicadores de cada um dos domínios motivacionais encontrados através de uma análise descritiva. Para isto, os índices de saturação foram somados e extraídos suas médias simples. Em seguida, realizou-se um teste *t* para amostras emparelhadas para verificar a diferença entre as médias. Observou-se que, as mães ( $N=145$ ) esperam transmitir para os filhos a segurança ( $M= 4,0$ ;  $DP= 0,67$ )  $t(143)=-2,04$ ,  $p= .042$  e valorizam, igualmente, a realização e conformidade ( $M= 3,88$ ;  $DP=.57$  e  $M= 3,86$ ;  $DP=.57$ , respectivamente)  $t(143)= 1,92$ ,  $p= .65$ . Em seguida, vêm os valores do universalismo ( $M = 3,78$ ;  $DP = .64$ )  $t(143)=-1,75$ ,  $p= .08$ . O domínio motivacional menos valorizado pelas mães foi o de *poder* ( $M = 2,2$ ;  $DP = .85$ )  $t(143)=-19,5$ ,  $p= .000$ . A cor das mães não afeta os valores que elas querem para seus filhos  $F(2,143) > 1$ , *n.s.*

A fim de analisar o preconceito racial das crianças, realizamos Análises de Contingência (*Qui-quadrado*) entre os alvos escolhidos por elas nas diferentes situações de distância social em função da cor de sua pele. Observamos que não houve diferença significativa entre o preconceito para qualquer das situações de distância social:  $X^2(4, 145)= 1,78$ ,  $p= .77$ ; atividade para nota:  $X^2(4, 145)= 4,17$ ,  $p= .38$ ; amigo:  $X^2(4, 145)= .65$ ,  $p= 0,95$  e doce:  $X^2(4, 145)= 3,36$ ,  $p= .49$ .

A não significância deveu-se ao evidente interesse em interagir com alvo branco para todas as situações de interação. Na situação de escolha do irmão, 67,6% das participantes optaram por um branco como irmão, 17,2% selecionaram um negro e somente 15,2%, um mulato. Já na escolha

de companheiro para realizar a atividade para nota, verificou-se tendência semelhante por 51,7% das participantes, enquanto apenas 22,8% e 25,5% realizariam esta atividade com uma criança mulata ou uma negra, respectivamente. Essa tendência seguiu-se nas escolhas das participantes para o amigo em 42,1% dos casos, enquanto apenas 30,3% desejariam ser amigo de um mulato e 27,6% de um negro. Observou-se ainda que 37,9% das participantes indicaram a criança branca para dar o doce, enquanto a escolha pelas crianças mulata e negra foi de 30,3% e 31,7%, respectivamente.

Pode-se perceber que o preconceito para negro e mulato aumentou gradativamente à medida que os níveis de distância social foram diminuindo, isto é, em situações de elevado grau de distância social, tal como o ato de distribuir o doce, enquanto as participantes escolhem o alvo branco em 37,9% das vezes, os alvos negro e mulato foram escolhidos apenas 30,3% e 31,7% das vezes, respectivamente. Já na situação de maior contato social (escolha do irmão), a escolha do alvo branco ocorreu em 67,7% das vezes enquanto em apenas 17,2% das vezes o alvo mulato foi escolhido e o negro em 15,2% das vezes.

Para verificar a capacidade preditiva dos valores que as mães querem para seus filhos sobre o preconceito manifestado pelas crianças, foram construídos indicadores de preconceito para o branco, o mulato e o negro. Esses indicadores foram elaborados com base em uma escala de distância social. Considerou-se o grau de intimidade envolvido na relação e foram atribuídos valores mais altos para o maior grau de intimidade de modo que o valor foi reduzido à medida que a relação demonstrava maior distanciamento. Assim, ao irmão foi atribuído o valor 4, à atividade para nota o valor 3, ao melhor amigo foi atribuído o valor 2 e à distribuição de doces foi atribuído o valor 1. O indicador de preconceito variou de 0 (distanciamento social total) a 10 (proximidade social total) para cada um dos possíveis alvos de escolha. Uma análise descritiva demonstrou que a proximidade social para alvo branco teve média mais elevada ( $M= 5.5$ ;  $D.P.=3.1$ ), sendo seguida pela proximidade social para o alvo negro ( $M= 2.32$ ;  $D.P.= 2.4$ ) e pela proximidade social para o alvo mulato ( $M=2.04$ ;  $D.P.= 2.8$ ).

Realizamos Análises de Regressão Linear Múltipla pelo método *Stepwise* a fim de verificar a capacidade preditiva dos valores que as mães

querem para os filhos sobre cada um dos indicadores de preconceito para brancos, mulatos e negros. Foram realizadas três análises separadas e, em cada uma, a variável dependente foi cada um dos indicadores de preconceito para brancos, mulatos e negros. As variáveis independentes foram os valores da realização, poder, universalismo, conformidade e segurança, e ainda, a idade, a cor da pele, a profissão e a renda da mãe e o gênero, a cor da pele e a idade das crianças que entraram em conjunto em cada uma das análises. Observamos que apenas os valores da realização e da conformidade entraram no modelo explicando 3,2% e 5,9% da variância associada ao preconceito para o negro, respectivamente.  $F(2,143) = 4.28, p = .01$ . Os resultados indicam que quanto mais as mães querem o valor da realização para seus filhos, menos as crianças escolhem o alvo negro na escala de distância social, ou seja, manifestam preconceito contra os negros. Por outro lado, quando as mães querem que seus filhos valorizem a conformidade, seus filhos escolhem mais o alvo negro. O preconceito para negros não é explicado por outras variáveis como a idade, a cor da pele, a profissão e a renda da mãe, nem pelo gênero, cor da pele e idade da criança. Os valores não explicaram o preconceito para o alvo mulato e o alvo branco.

Tabela 2 – Análise de Regressão Múltipla (Stepwise) dos Valores que as Mães querem para seus Filhos sobre o Preconceito para o Alvo Negro

Preconceito	Valores	$\beta$	T	p
Negro	Realização*	-.34	-2.97	.003
	Conformidade**	.23	2,00	,047

\* $R^2 = .032, n = 143$ ; \*\*  $R^2 = .059, n = 143$

## DISCUSSÃO

O presente estudo analisou os valores que as mães desejam para seus filhos e a relação entre esses valores e o preconceito racial das crianças. Analisaram-se os valores que as mães querem para seus filhos, considerando-os como parâmetros que guiam a seleção ou avaliação de comportamentos, pessoas e acontecimentos (Schwartz, 2012). Embora os valores

priorizados no contexto familiar possuem papel central sobre o processo de socialização das crianças (Benish-Weisman, Levy, & Knafo, 2013; Knafo, Assor, Schwartz, & David, 2009; Kuczynski & De Mol, 2015; Tam et al., 2012), ainda não existem evidências suficientes quanto ao poder preditivo dos valores maternos sobre o desenvolvimento das atitudes raciais. Desse modo, procuramos verificar, dentre os valores que as mães desejam para seus filhos, quais estariam relacionados ao preconceito das crianças para os grupos branco, mulato e negro.

Visando identificar o perfil de valores que as mães esperam transmitir para seus filhos, optou-se pelo desenvolvimento de um instrumento de mensuração baseado na escala de Schwartz (2012), o qual tem apresentado graus de confiabilidade e fidedignidade em diferentes contextos. Todavia, o perfil de valores apresentado pelas mães desta investigação não exibiu correspondência direta com a tipologia de Schwartz, pois os valores *inteligente, religioso, respeitador das diferenças entre as pessoas e respeitador das tradições* foram agrupados, pela análise de componentes principais, em domínios motivacionais diferentes dos que foram propostos em sua teoria. Esses resultados podem dever-se a particularidades da amostra investigada que difere da amostra daquele autor em diversos aspectos; e embora haja acordo na universalidade da tipologia de valores (Bilsky & Koch, 2000), diferenças no contexto socioeconômico, escolar e cultural podem ter interferido.

Além do que, o fato de as mães não terem sido solicitadas a responder os valores que elas sustentam, tal como fizeram os participantes da pesquisa de Schwartz, mas de terem identificado os valores que desejam para seus filhos, refletindo, assim, a tendência de encorajar, simultaneamente, valores que consideram importantes para seus filhos e valores que favoreçam à adaptação social da criança (Knafo, Assor, Schwartz & David, 2009; Tam et al., 2012). Este aspecto pode ser melhor investigado em pesquisas futuras que identifiquem os valores que mães esperam de seus filhos, considerando domínios específicos da socialização, a exemplo das relações interpessoais, da educação e do âmbito familiar.

As análises do preconceito para os grupos branco, mulato e negro nas situações de escolha do irmão, da atividade escolar, do amigo e da

distribuição do doce não indicaram diferenças significativas em função do grupo alvo e da situação de escolha. Destaca-se que a ausência de significância decorre do fato de que, em comparação com os brancos, os grupos mulato e negro foram selecionados em menor proporção pelas crianças. Tais resultados evidenciam a presença do preconceito racial contra o negro no grupo estudado e podem ser entendidos como efeito do processo de socialização, conforme já ressaltado na literatura acerca do desenvolvimento das atitudes intergrupais (Aboud, 1988; França & Monteiro, 2013; Killen & Rutland, 2011; Nesdale & Dalton, 2011).

A análise de regressão realizada entre os valores que as mães desejam para seus filhos e o preconceito racial revelaram que os valores de *realização* são os que colaboram para evitar o contato com as pessoas negras, ao passo que os de conformidade favorecem este contato. Tais resultados corroboram, em parte, a literatura analisada (Álvaro et al., 2015; Feather & Mckee, 2008; Saroglou et al., 2009) a qual indica correspondência entre os valores de realização e a manifestação de atitudes negativas diante de grupos minoritários.

Ressalta-se, entretanto, o fato de os valores de conformidade (obediente, moderado, prestativo, respeitador de pais e idosos, polido e inteligente) apresentarem relação positiva com a escolha do grupo negro. Tal resultado contrasta com os estudos sobre preconceito e valores (Álvaro et al., 2015; Feather & Mckee, 2008; Saroglou et al., 2009, Schwartz, 2012). Espera-se que valores deste domínio apresentem correlação positiva com as atitudes preconceituosas. A conformidade envolve a ênfase na manutenção do status social e das tradições vigentes. Por conseguinte, a elevada adesão a estes valores implicaria na rejeição dos grupos minoritários, caso estes apresentem práticas culturais distintas do grupo dominante.

A distinção entre os resultados aqui obtidos e as demais pesquisas mencionadas, deve-se, possivelmente, ao fato de as relações raciais apresentarem novas configurações em função de normas sociais que condenam a expressão do preconceito racial e práticas discriminatórias (Camino et al., 2013; França & Monteiro, 2013; Pearson, Dovidio & Gaertner, 2009). Destaca-se que, no Brasil, as relações raciais são caracterizadas não só pelas normas que condenam o racismo, mas também por ideologias que

defendem a existência de um convívio harmonioso e pacífico entre as raças desde a origem de nossa nação (Fernandes, 1972/2007). Considerando que os valores de conformidade enfatizam a submissão de atitudes pessoais a expectativas socialmente impostas, é possível que, num contexto no qual predomina a norma antirracismo, que a adesão a estes valores implique em atitudes positivas frente aos negros.

Quanto aos valores de realização, o modelo de Schwartz (2012) sugere que este domínio motivacional, por possuir orientação individualista, contrasta com o domínio da autotranscendência, encorajando as pessoas a serem independentes, autodirigidas e a priorizarem sua liberdade de escolha em detrimento de atitudes e comportamentos igualitários ou direcionados ao bem-estar dos demais. É possível, então, que a relação verificada entre estes valores e o preconceito racial ocorra em função da pouca prioridade ou interesse para a condição dos grupos minoritários, em detrimento de metas individuais. A ênfase individualista não motiva o contato social com minorias, uma vez que a interação com membros desses grupos não seria capaz de oferecer qualquer vantagem pessoal, em função do baixo *status* social que apresentam. Acrescenta-se ainda que o grau de prioridade oferecido a estes valores tende a favorecer a expressão mais direta do preconceito por tornar mais aceitável a discriminação de grupos que ocupam *status* social desfavorável.

Algumas questões pertinentes à influência dos valores sobre a socialização de crianças fogem do escopo deste estudo e poderiam ser desvendadas em pesquisas futuras. Considerando que os valores exercem impacto sobre as atitudes preconceituosas, outras pesquisas poderiam elucidar a influência dos valores em outras esferas, além da racial, tais como a relação entre a transmissão de valores e variáveis contextuais como as crenças e práticas de disciplina parentais. Ademais, a percepção das crianças acerca dos valores de seus pais e sua motivação para assimilá-los, ou ainda, a análise entre valores parentais e desenvolvimento de atitudes a partir de díades de interação (p.ex. pai e filho, mãe e filho, pai e filha, mãe e filha). Nessa mesma direção, é válido considerar a necessidade de traçar uma análise integrativa

entre os valores e o desenvolvimento de atitudes preconceituosas a partir dos valores sustentados por outros agentes de socialização como irmãos, escola, amigos e a mídia.

Salientamos, do mesmo modo, a necessidade de ampliar o estudo para outras regiões do Brasil, privilegiando estratos econômicos e educacionais mais elevados. Desconsiderando estas limitações, concluímos que este estudo ressalta as implicações da família na produção de visões enviesadas dos grupos sociais, bem como permite compreender a persistência de atitudes negativas contra os negros na sociedade atual, ao apresentar os valores como motivação subjacente ao preconceito.

## REFERÊNCIAS

- Aboud, F. E. (1988). *Children and prejudice*. London: Billing & Sons.
- Allport, G. (1974). *The nature of prejudice* (3rd ed.). New York: Addison-Wesley Publishing Company. (Original publicado em 1954).
- Álvaro, J.L., Oliveira, T. M., Torres, A. R. R., Pereira, C., Garrido, A., & Camino, L. (2015). The role of values in attitudes toward violence: discrimination against Moroccans and Romanian Gypsies in Spain. *Spanish Journal of Psychology*, 18, 1-12. Recuperado de: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=9923516&fileId=S1138741615000657>
- Benish-Weisman, M., Levy, S., & Knafo, A. (2013). Parents differentiate between their personal values and their socialization values: The role of adolescents' values. *Journal of Research on Adolescence*, 23(4), 614-620. Recuperado de: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jora.12058/abstract?userIsAuthenticated=false&deniedAccessCustomisedMessage=>
- Biernat, M., Vescio, T. K., Theno, S. A., & Crandall, C. S. (1996). Values and prejudice: Toward understanding the impact of American values on outgroup attitudes. In C. Selligman, J. M. Olson, & M. P. Zanna (Orgs.), *The Psychology of Values: The Ontario Symposium* (pp. 153-189). New York: LEA.

- Bilsky, W., & Koch, M. (2000). On the content and structure of values: Universals or methodological artifacts. In B. J. Blasius, J. Hox, E. de Leeuw & P. Schmidt (Eds.), *Social science methodology in the New Millennium. Updated and extended proceedings of the Fifth International Conference on Logic and Methodology*, Oct. 3-6, 2000, Cologne [CD-ROM]. Leverkusen: Leske+ Budrich. Recuperado de: [https://www.uni-muenster.de/imperia/md/content/psyifp/aebilsky/bilsky\\_koch\\_2000.pdf](https://www.uni-muenster.de/imperia/md/content/psyifp/aebilsky/bilsky_koch_2000.pdf)
- Bogardus, E. S. (1933). A social distance scale. *Sociology & Social Research*, 17, 265-271.
- Brown, R. (2010). *Prejudice: It's Social Psychology* (2nd ed.). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Camino, L., Álvaro, J. L., Torres, A. R. R., Garrido, A., Oliveira, T. M., & Barbosa, J. (2013). Explaining social discrimination: Racism in Brazil and Xenophobia in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 6, 1-13. Recuperado de: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8970308&fileId=S1138741613000656>
- Castelli, L., Zogmaister, C., & Tomelleri, S. (2009). The transmission of racial attitudes within the family. *Developmental Psychology*, 45, 586-591. Recuperado de: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44128682/The\\_transmission\\_of\\_racial\\_attitudes\\_wit20160326-22504-1pk403f.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1467074811&Signature=jbtq%2FH0BgP7cqOzE87vwsCXsZcg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe\\_transmission\\_of\\_racial\\_attitudes\\_wit.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44128682/The_transmission_of_racial_attitudes_wit20160326-22504-1pk403f.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1467074811&Signature=jbtq%2FH0BgP7cqOzE87vwsCXsZcg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe_transmission_of_racial_attitudes_wit.pdf)
- Feather, N. T., & McKee, I. R. (2008). Values and prejudice: Predictors of attitudes towards Australian Aborigines. *Australian Journal of Psychology*, 60(2), 80-90. Recuperado de: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00049530701449513>
- Fernandes, F. (2007). *O negro no mundo dos brancos* (2a ed.). São Paulo: Global editora. (Original publicado em 1972).

- França, D. X. (2013). A socialização e as relações interétnicas. In L. Camino, A. N.R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (2a ed., pp. 541-587). Brasília: Technopolitik.
- França, D. X., & Monteiro, M. B. (2011). Identidade racial e atitudes para o próprio e o outro grupo em crianças. In S. C. S. Fernandes, C. E. Pimentel, V. V. Gouveia & J. L. A. Estramiana (Eds.), *Psicologia Social: Perspectivas Atuais e Evidências Empíricas* (pp. 59-74). Itatiba: Casa do Psicólogo.
- França, D. X., & Monteiro, M. B. (2013). Social norms and the expression of prejudice: The development of aversive racism in childhood. *European Journal of Social Psychology*, 43, 263–271. Recuperado de: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ejsp.1965/abstract?userIsAuthenticated=false&deniedAccessCustomisedMessage=>
- Gouveia, V.V., Athayde, R. A. A., Soares, A. K. S., Araújo, R. C. R., Andrade, J. M. de (2011). Valores e motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 215-225. Recuperado de: [http://www.vvgouveia.net/en/images/Gouveia\\_2012\\_Valores\\_e\\_motivacao\\_para\\_responder\\_sem\\_preconceitos\\_frente\\_a\\_homossexuais.pdf](http://www.vvgouveia.net/en/images/Gouveia_2012_Valores_e_motivacao_para_responder_sem_preconceitos_frente_a_homossexuais.pdf)
- Grusec, J. E. (2011). Socialization process in the Family: Social and emotional development, *Annual Review of Psychology*, 62, 43-269. Recuperado de: <http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.121208.131650?journalCode=psych>.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2011). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. (4a ed.) Recuperado em 2 de outubro, 2013, de <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>
- Killen, M., & Rutland, A. (2011). *Children and social exclusion: Morality, prejudice and group identity*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Killen, M., Kelly, M., Richardson, C., Crystal, D., & Ruck, M. (2010). European-american children's and adolescents' evaluations of interracial exclusion. *Group Process and Intergroup Relations*, 13, 283-300. Recuperado de: <http://gpi.sagepub.com/content/13/3/283-short>

- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2009). Accounting for parent-child value congruence: Theoretical considerations and empirical evidence. In U., Shönpflug (Ed.), *Cultural Transmission: Psychological, Developmental, Social and Methodological Aspects* (pp.240-268). New York: Cambridge University Press.
- Knafo, A., Assor, A., Schwartz, S. H., & David, L. (2009). Culture, migration and family-value socialization: A theoretical model and empirical investigation with Russian-immigrant youth in Israel. In U., Shönpflug (Ed.), *Cultural Transmission: Psychological, Developmental, Social and Methodological Aspects* (pp.269-296). New York: Cambridge University Press.
- Kuczynski, L., & De Mol, J. (2015). Dialectical models of socialization. In W. F. Overton & Peter C. M. Molenaar (Eds.), *Theory and Method. Handbook of Child Psychology and Developmental Science*, 1(9), 1-46.
- Nesdale, D., & Dalton, D. (2011). Children's social groups and intergroup prejudice. Assessing the influence and inhibition of social group norms. *British Journal of Developmental Psychology*, 29, 895-909. doi: 10.1111/j.2044-835X.2010.02017.x
- Pearson, A. D., Dovidio, J. F., & Gaertner, S.L. (2009). The nature of contemporary prejudice: insights from aversive racism. *Social and Personality Psychology Compass*, 3, 1-25. Recuperado de: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1751-9004.2009.00183.x/full>
- Ramos, A., & Vala, J. (2011). *Human Values and Opposition Towards Immigration in Europe*. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, R. B., Monteiro, M. B., & Rutland, A. (2012). Cada cabeça, duas sentenças: Reconhecimento e saliência de normas sociais conflitantes e expressão de avaliações raciais na infância. In C. R. Pereira & R. C. Lopes. (Orgs.), *Normas, atitudes e comportamento social* (pp.137-170). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- Saroglou, V., Lamkaddem, B., Van Pachterbeke, M., & Buxant, C. (2009). Host society's dislike of the Islamic veil: The role of subtle prejudice, values and religion. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 419-428. Recuperado de: <http://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/psyreli/documents/2009.IJIR.Veil.pdf>
- Schwartz, S. H. (2012). An overview of the Schwartz theory of basic values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 1-20. Recuperado de: <http://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1116&context=orpc>
- Shutts, K., Banaji, M. R., & Spelke, E. S. (2010). Social categories guide young children's preference for novel objects. *Developmental Science*, 13 (4), 599-610. doi:10.1111/j.1467-7687.2009.00913.x
- Sinclair, S., Dunn, E., & Lowery, B. S. (2005). The relationship between parental racial attitudes and children's implicit prejudice. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41, 283-289. Recuperado de: <http://www.neweconomists.org/files/Relationship.pdf>
- Tam, K. P., Lee, S.L., Kim, Y. H., Li, Y., & Chao, M. M. (2012). Intersubjective model of value transmission: Parents using perceived norms as reference when socializing children. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(8), 1041-1052. Recuperado de: [https://www.researchgate.net/profile/Kim-Pong\\_Tam/publication/224855553\\_Intersubjective\\_Model\\_of\\_Value\\_Transmission\\_Parents\\_Using\\_Perceived\\_Norms\\_as\\_Reference\\_When\\_Socializing\\_Children/links/55e37ec708aeb1a7cc9d032.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Kim-Pong_Tam/publication/224855553_Intersubjective_Model_of_Value_Transmission_Parents_Using_Perceived_Norms_as_Reference_When_Socializing_Children/links/55e37ec708aeb1a7cc9d032.pdf)
- Vasconcelos, T.C., Gouveia, V. V., Filho, S. L. M., Souza, D. M. F., & Jesus, G. R. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. *Psico-USF*, 9(2), 147-154. <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v9n2/v9n2a05>